

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 45 jul-dez 2021 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de pintura de Judith Leyster (1609–1660) extraído *Do Livro de Tulipas* (1643). Leyster foi a pintora mais famosa da Idade de Ouro holandesa, tendo alcançado um grau de sucesso artístico raro para uma mulher em sua época. Em 1633, tornou-se a primeira mulher a ser admitida como pintora mestre na prestigiosa Guilda de Pintores de Haarlem, obtendo assim o direito de estabelecer seu próprio ateliê-loja e de assumir alunos.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE ESPINOSA E OLDENBURG

Fernando Bonadia de Oliveira

Professor, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,

Seropédica, Brasil.

fernandofilosofia@hotmail.com

ESPINOSA, Bento de. (2021) *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg*. Tradução, apresentação, estudo, preparação do texto latino e notas: Samuel Thimounier Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção: Filô: Espinosa.

Quando uma obra de restrita circulação acadêmica toma lugar em livrarias e se oferece a perfis diversos de leitura, é lugar-comum dizer que se encontra, enfim, “ao alcance do grande público”. A tradução bilingue da *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg* pode ser considerada ao alcance do grande público em duplo sentido: por um lado, contempla quem se arrisca a lê-la mesmo desconhecendo detalhes da história da filosofia moderna, pois dá condições de percorrer— graças ao estudo introdutório e às notas explicativas — o fio do diálogo com muito mais facilidade; por outro lado, agrada a quem já está familiarizado com as controvérsias do pensamento moderno, na medida em que leva à descoberta de novos aspectos de velhos problemas relativos à filosofia do século XVII.

A tradução é o produto final, ampliado e lapidado, da dissertação de mestrado de Samuel Thimounier Ferreira, defendida na Universidade de São Paulo (2019) sob a orientação do professor Homero Santiago, que é também responsável, direto e indireto, pelo resultado do trabalho. Samuel é graduado em Engenharia de Materiais e em Filosofia; amante da Matemática e habilidoso em latim, ele se dispôs a lidar com os originais de

Espinosa valendo-se da mesma busca de rigor que o orientador sempre demonstrou em suas já reconhecidas traduções. Samuel tem experiência com a tradução do epistolário espinosano pelo menos desde 2013, ano em que publicou uma carta de Espinosa a Schuller (ESPINOSA, 2013). Homero, revisor do volume e co-organizador da “série espinosana” da Editora Autêntica, soube potencializar o refinado senso matemático da tradução feita, combinando-o ao cuidado técnico e histórico. A tarefa de verter o texto latino da correspondência para o português, cotejando-o com a versão holandesa, bem como em comparação com outras traduções de diferentes línguas, parece ter sido o menor de todos os esforços. A procura por informações e explicações que trouxessem o texto para a inteligibilidade de uma leitura contemporânea e, ao mesmo tempo, contribuíssem para fomentar o interesse dos especialistas da história da filosofia moderna revela o mais profundo empenho do tradutor.

Mas qual é, em resumo, a singularidade da correspondência entre Espinosa e Henry Oldenburg (1619-1677) que justifica tamanho esforço literário, didático e conceitual?

Quem lê o começo da segunda resposta de Espinosa ao comerciante-filósofo Willem van Blijenbergh, escrita no dia 28 de janeiro de 1665, pode ser levado a acreditar que o autor da *Ética* era de tal feitio que se recusava terminantemente a conversar com aqueles que não se posicionavam em seu próprio campo teórico.

Quando li tua primeira carta, estimei que nossas opiniões quase concordavam; mas, na verdade, a partir da segunda, que me foi entregue em 21 deste mês, entendo que a coisa se comporta de maneira muito diferente, e vejo que dissentimos não apenas sobre aquelas coisas que hão de se buscar ao longe a partir dos primeiros princípios, mas também sobre esses próprios princípios; de tal

maneira que creio que dificilmente far-se-á com que possamos, com cartas, nos erudir reciprocamente (*nos invicem erudire*) (SPINOSA, 1972, p. 126; Carta XXI).¹

Curiosamente, Espinosa menciona dois tipos de dissensão: um, em relação às “coisas que hão de se buscar ao longe a partir dos primeiros princípios”; outro, quanto aos próprios primeiros princípios. Contudo, na melhor das hipóteses de um entendimento superficial do fragmento acima, Espinosa só estaria validando a discussão que partisse de princípios comuns, ainda que entre princípios comuns, como qualquer um poderá imaginar, não se dê nenhuma grande polêmica.

A correspondência relativamente extensa entre Espinosa e Oldenburg pode ser considerada um bom indício de que as coisas não são bem assim. Ao folheá-la, damo-nos conta de que o filósofo aceitou enfrentar alguém cujos princípios diferiam bastante dos dele; além disso, manteve o contato ao longo de muitos anos. Entre eles, houve alguns atritos, mas a amizade foi a constante.

Oldenburg, mestre em Teologia e secretário da *Royal Society*, visitou Espinosa em 1661 e nesse mesmo ano lhe escreveu a primeira carta, manifestando a vontade de aproximá-lo de uma firme amizade: “Unamos-nos com uma amizade não fugaz e cultivemo-la diligentemente com todo gênero de estudos e serviços” (ESPINOSA, 2021, p. 133). O filósofo, em resposta, consentiu ao pedido do secretário: “Não temo iniciar a estreita amizade que constantemente me ofereces e que te dignas a me pedir a recíproca, e que haverei de cuidar com todas as forças para que seja cultivada com diligência” (ESPINOSA, 2021, p. 137).

1 Reproduzo aqui, parcialmente alterada, a tradução (ainda não publicada) feita por Samuel Thimounier Ferreira.

Espinosa já sabia onde se situava o correspondente: Oldenburg estava no mesmo campo teórico de Robert Boyle (1627-1691), grande expoente da filosofia experimental no século XVII, de quem era secretário, tradutor e amigo. Boyle discordava frontalmente da filosofia natural aristotélica e estava disposto a construir uma explicação para os fenômenos que escapasse por completo da teoria das formas substanciais. Em prefácio a um livro escrito por volta de 1650 e até hoje perdido, Boyle conta que foi educado no aristotelismo, mas que a partir de suas viagens e de seus estudos mais maduros reconheceu vários motivos para desconfiar daquilo que ouvira dos mestres. Em 1666, no texto *Forms and qualities*, ele coloca duras críticas ao pensamento científico aristotélico nutrido pela Escola naquele tempo (ZATERKA, 2004, pp. 161-2).²

Nesse contexto transparece a ideia de que a ida de Oldenburg ao encontro de Espinosa visava à interlocução com um indivíduo livre ou, como Oldenburg escreveu, com uma pessoa “liberalmente educada” (ESPINOSA, 2021, p. 133). Oldenburg se sentia tão “liberalmente”³ educado quanto Espinosa. Ambos poderiam dizer do cultivo de seus próprios conhecimentos aquilo que Boyle disse a respeito de seu percurso na Química:

Eu cultivei a química com uma mente desinteressada, nem buscando nem me preocupando com qualquer outra vantagem, senão aquela do aperfeiçoamento do meu próprio conhecimento da na-

2 É bem verdade que neste mesmo trabalho ele aponta com nitidez que “deprecia indefinidamente” a física de Aristóteles, embora “muito estime seus escritos históricos relativos aos animais” (cf. ZATERKA, 2004, p. 161).

3 Empregamos aqui o advérbio *liberalmente* sempre entre aspas para que não se confunda o sentido da palavra “liberal” no século XVII com o sentido que atualmente ela possui no vocabulário político.

tureza, gratificando o curioso e o industrioso, e a obtenção de algumas ajudas úteis para fazer medicamentos bons e incomuns (BOAS HALL, 1965, p. 275).⁴

Espinosa, Boyle e, conseqüentemente, Oldenburg estavam dispostos a pensar contra a Escolástica; os três não tiveram pacto com nenhuma instituição que lhes cerceasse a liberdade de pesquisar. Portanto, se discordavam quanto às “coisas que hão de se buscar ao longe a partir dos primeiros princípios”, certamente convinham quanto à necessidade de filosofar contra os adeptos da teoria das formas substanciais e das elucubrações medievais alucinadas. Nisto reside, talvez, a singularidade da relação Espinosa-Oldenburg: a permanência contínua da divergência respeitosa com vistas a um pensar comum.

Em virtude da comunidade de intenções os dois puderam ir desvendando as discordâncias que tinham quanto a certos princípios. Opunham-se quase sempre, mas nunca deixaram de se escrever por aversão pessoal. Não à toa, a correspondência por eles produzida é a mais longa do epistolário de Espinosa. Dividida em três períodos que constituem quinze anos de interação fragmentária, os correspondentes discutiram questões de metafísica, experimentos físico-químicos, notícias científicas e problemas teológico-políticos; trocaram inclusive mensagens sobre a guerra e percepções quanto à vida cotidiana.

Os quinze anos de intermitente convívio à distância abrangeram justamente o período de elaboração da *Ética*, e deram ensejo à emersão de diferentes humores. Tomemos alguns exemplos. De início, vendo o pavor do filósofo diante da ameaça de ver suas ideias publicadas, Oldenburg clama

4 A tradução foi extraída de Zaterka (2004, p. 144).

para que, sem receios, ele pense em publicá-las (ESPINOSA, 2021, p. 179); anos depois, ciente de que Espinosa está prestes a levar sua obra maior ao prelo, suplica para que o interlocutor tenha cuidado, afinal, percebe o tom sombrio da perseguição então reinante (ESPINOSA, 2021, p. 253). No começo, vemos que Espinosa expressa zelo e agilidade, não deixando que as respostas tardem muito. Oldenburg, em contrapartida, deixa meses sem devolutiva a carta-comentário do filósofo sobre o *De Nitro* de Boyle (ESPINOSA, 2021, p. 183). No fim do contato, percebemos a insatisfação de Oldenburg com a brevidade da resposta do amigo às críticas que lhe enviara ao *Tratado Teológico-Político* (ESPINOSA, 2021, p. 259), publicado anos antes.

Além destas, muitas sutilezas atravessam a longa conversa. O tradutor dá a conhecer em nota, por exemplo, de onde pode ter vindo a famosa ideia do vermezinho no sangue que serve de ilustração para um dos pontos altos da correspondência, a saber, o momento em que Espinosa explica a coerência das partes da natureza com o todo (Carta xxxii). Tal explicação foi vivamente retomada, entre outras interpretações⁵, por Gilles Deleuze em *Espinosa e o problema da expressão* (2017, p. 231-232) e em *Espinosa – filosofia prática* (2003, pp. 98-9); com ela nos deparamos também em vários estudos brasileiros e latino-americanos.⁶

É certo: quem deseja ver a contundência que Espinosa costumeiramente imprimiu em suas obras bem acabadas, terá de lidar com algumas questões que ele não explicou plenamente e com certas lacunas que se abriram em muitas de suas palavras. Se não desanimar, chegará ao final do livro e encontrará, em anexo, as anotações de Leibniz dispostas em

5 Ver os trabalhos de Sacksteder (1977; 1985) e o artigo de Maria Luísa Ferreira (2010).

6 Ver Aguilar (2020), Chauí (1999, p. 52; pp. 733-5; 2016, pp. 40-51), Levy (1998, pp. 284-7; pp. 301-8), entre outras interpretações.

três cópias de cartas assinadas por Espinosa, outro diferencial que eleva mais ainda a qualidade e a amplitude do trabalho publicado.

As discordâncias entre Espinosa e Oldenburg, como bem assinala o tradutor em seu estudo introdutório (FERREIRA, 2021, p. 112), nunca deram margem a ofensa ou descortesia. Amigos distantes, eles puderam viver como homens livres, de fato “liberalmente” educados. O intercâmbio epistolar que sustentaram, lido em tempos como os de hoje, carregados como estão de ódio à diferença, é um elogio do sincero diálogo; diante da lamentável manifestação de negação da ciência ainda muito em voga, é um exemplar de como a investigação da verdade consiste no trabalho difícil e concreto do pensamento não só de uma, mas de muitas vidas inteiras: Espinosa, Oldenburg, Boyle, Leibniz e tantas outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, C. (2020). La razón del gusano: mereología en la filosofía de Spinoza. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n.43, jul.-dez., pp. 55-80.
- BOAS HALL, M. (1965). *Robert Boyle on natural philosophy: an essay with selections from his writings*. Bloomington/London: Indiana University Press.
- CHAUI, M. (1999). *A nervura do real I*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2016). *A nervura do real II*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELEUZE, G. (2002). *Espinosa – filosofia prática*. Tradução: D. Lins e F. Lins. São Paulo: Escuta.
- _____. (2017). *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução: L. Orlandi (coord.). São Paulo: Editora 34.
- ESPINOSA, B. (2013). Carta LVIII (Outubro de 1674). Tradução: Samuel Thimounier Ferreira. *Conatus*, n. 13, julho, pp. 77-79.
- _____. (2021). *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg*. Tradução,

apresentação, estudo, preparação do texto latino e notas: Samuel Thimounier Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção: Filô: Espinosa.

FERREIRA, M. (2010). Espinosa e a relação todo/partes. *Conatus*, n. 4, dezembro, pp. 83-98.

FERREIRA, S. (2021). “Apresentação”, in: ESPINOSA, B. *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg*. Tradução, apresentação, estudo, preparação do texto latino e notas: Samuel Thimounier Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção: Filô: Espinosa, pp. 9-130.

LEVY, L. (1998). *O autômato espiritual: a subjetividade moderna segundo a Ética de Espinosa*. Porto Alegre: LP&M.

SACKSTEDER, W. (1977). “Spinoza on Part and Whole: The Worm’s Eye View”, in: *The Southwestern Journal of Philosophy*, vol. 8, n. 3, outono, pp. 139-159.

_____. (1985). “Simple Wholes and complex Parts: Limiting principles in Spinoza”, in: *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 45, n. 3, mar., pp. 393-406.

SPINOZA, B. (1972). *Spinoza Opera*. Ed. Carl Gebhardt, 4v. Heidelberg: Carl Winter.

ZATERKA, L. (2004). *A filosofia experimental na Inglaterra do século XVII: Francis Bacon e Robert Boyle*. São Paulo: Humanitas/Fapesp.